

Seminário de Educadoras Cristãs - SEC: coluna de civildade nos trópicos no início do século XX

Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos Anjos *

Resumo: Este estudo tem como objetivo inquirir a história do Seminário de Educadoras Cristãs (SEC) e recuperar o trabalho educacional e religioso desenvolvidos pelas missionárias batistas norte-americanas em Recife. O SEC é uma instituição protestante que através das décadas vem prestando relevantes serviços na formação das moças batistas. Baseando-me em fontes documentais e bibliográficas foi possível analisar os antecedentes históricos, o processo de desenvolvimento da instrução ministrada na escola. As contribuições de Elias, Chartier e Viñao Frago e Juliá, serviram como aportes teóricos da pesquisa e categorias de análises de estudo de civilização, representação e apropriação, arquitetura e cultura escolar. O resultado da pesquisa evidencia a preocupação com o analfabetismo, o rigor disciplinar, e a construção do prédio.

Palavras-chave: História da Educação, Educação Protestante Batista, Educação Feminina.

Seminary of Christian Educators - SEC: column of civility in the tropics at the beginning of century XX

Abstract: This study it has as objective to inquire the history of the Seminary of Christian Educators (SEC) and to recoup the educational and religious work developed by the missionaries North American baptists in Recife. The SEC is a protestant institution that through the decades comes giving excellent services in the formation of the young baptists. Basing me in documentary and bibliographical sources it was possible to analyze the historical antecedents, the process of development of the instruction given in the school. The contributions of Elias, Chartier and Viñao Frago and Juliá, had served as you arrive in port theoretical of the research and categories of analyses of civilization study, representation and appropriation, architecture and pertaining to school culture. The result of the research evidences the concern with the illiteracy, the severity to discipline, and the construction of the building.

Key-words: History of the Education, Protestant Education Baptist, Feminine Education.

Introdução

O objetivo desse estudo é inquirir a história do Seminário de Educadoras Cristãs e recuperar o trabalho educacional e religioso desenvolvido pelas missionárias batistas norte-americanas em Recife. O SEC é uma instituição protestante que através das décadas vem prestando relevantes serviços na formação das moças batistas.

* Docente do Instituto de Educação Rui Barbosa (IERB), Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe.

Os missionários norte-americanos preocuparam-se desde cedo com o problema da educação. Tinham objetivos a serem atingidos: “Primeiramente, eles queriam dar aos filhos de crentes oportunidades educacionais; em segundo lugar, procuravam quebrar preconceitos e atrair simpatias e, em terceiro lugar, o que era para eles mais importante, queriam evangelizar” (PEREIRA, 2001:348). Pensando dessa forma, várias escolas de primeiras letras¹, primárias e secundárias foram fundadas em todo país.

Ao lançar seu olhar para as necessidades educacionais das mulheres batistas, o missionário William Carey Taylor externou seu propósito de fundar uma escola de educação feminina, onde prepararia moças para atuarem como professoras nas escolas anexas às igrejas, no trabalho das igrejas, e tornarem-se esposas de pastores, pois acreditava que esta instituição seria a solução para os novos conversos.

Josefa da Silva Lima foi a primeira aluna a manifestar seu desejo de preparar-se melhor para trabalhar com o ensino e a evangelização. Lima, era amazonense, tinha 19 anos, formada pela Escola Normal, atuava como professora em uma escola pública do seu Estado. Josefa da Silva Lima acreditava que a educação deveria estar em primeiro plano, mas sem esquecer a instrução religiosa por entender que “a maior riqueza de um homem é instrução, saber ler e escrever” (MATOS, 2003:216).

Com a chegada de Josefa da Silva Lima, as missionárias-norte americanas batistas, Graça Taylor, Sammie Johnson e Alyne Muirhead, organizaram uma comissão e estudaram a possibilidade de fundar uma escola para suprir essa demanda.

Em Recife, já funcionava Colégio Batista Gilreath, (atual colégio Americano Batista-CAB), e o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, que oferecia à instrução apenas para o sexo masculino. No entanto, essas instituições não concordavam com a co-educação dos sexos, explica Mein,

Não há aulas para moças neste colégio masculino. A irmã conhece a práxis, mais do que eu do educandário separado para os sexos. Nem o Colégio Gilreath nem o Seminário do norte pretendem agir de modo a solapar os costumes existentes; esclareceu o Dr. H.H. Muirhead (MEIN, 1917:161).

A iniciativa foi concretizada em 1917, quando foi fundada a Escola Normal, como um departamento do Colégio Gilreath. Nesta época as escolas protestantes batistas não privilegiavam a educação da mulher. Mas, para os batistas materializarem seus projetos

¹ As escolas de primeiras letras correspondiam ao início da escolarização. Seu currículo estava voltado para o ensino dos rudimentos da escrita, da leitura, da Aritmética e dos princípios da Doutrina Cristã. (FREITAS, 2004:33)

educacionais e evangelizador, precisava implantar uma escola batista para suprir as lacunas existentes na educação feminina. Naquela época a educação das moças se dava, “por meio de tutores particulares nos lares” (MEIN, 1917:13), e somente as moças pertencentes às elites, conseguiam ter acesso à educação.

Em um relatório enviado a Junta de Richmond, MG. White, no ano de 1919, relata sua impressão sobre o analfabetismo no nordeste,

[...] Nada menos que 95% das mulheres neste país são analfabetas. Ide á 47 igrejas batistas neste campo e indagai ‘quantas mulheres sabem ler’? E, encontrareis igreja onde somente duas ou três delas podem ler, mesmo que seja apenas um pouco. E, frequentemente, estas poucas aprenderam a ler somente após a sua conversão. ‘Este que escreve tem conhecimento de uma igreja com 170 membros, sendo mais da metade mulheres. Nesta igreja, o seu pastor, José Félix Pereira, não tem conseguido organizar a Sociedade de Senhoras porque nenhuma delas sabe ler. (BERRY, 1986:12).

A Junta de Richmond ciente das necessidades enviou verbas para manter os missionários norte-americanos, e aos poucos a escola foi se expandindo e cumprindo sua missão de ensinar e evangelizar. Por outro lado, os educadores e missionários nas diversas regiões do Brasil através das Missões Nacionais se envolveram nas campanhas.

Na década de 1940 o sistema educacional ainda apresentava altos índices de analfabetismos. As campanhas eram destinadas a todos, na tentativa de resolver essa nódoa que manchava as páginas da História da Educação brasileira. Luciano Lopes conclamava aos batistas para deflagrar uma grande campanha de educação e fazia uma reflexão sobre o analfabetismo dizendo:

[...] O analfabetismo é uma calamidade. É mais danoso do que uma guerra. É pior do que uma epidemia. Combate-lo é medida de salvação pública que o governo, devido às dificuldades econômicas, não está em condições de vencer o analfabetismo. À prova disso é que nada menos de 80% dos estabelecimentos de educação no Brasil são de iniciativa particular (LOPES, 1946:31)

Lopes inquieto convidava todos os batistas para participar deste projeto de educação, e a sua proposta era delineada da seguinte forma:

Em primeiro lugar devemos formar um plano para acabar com o analfabetismo dentro das igrejas. [...] É necessário que os pastores e oficiais, sem perda de tempo, providenciem na organização de classes especiais para a instrução desses nossos irmãos, de tal sorte que dentro de poucos meses todos estejam lendo e escrevendo. [...] Para maior eficiência desta grande campanha dois métodos podem ser postos em prática ao mesmo tempo. Um deles é a organização de classes, que podem funcionar dentro das próprias igrejas. Outro método consiste do ensino individual. Isto é, além do ensino em classes que a Igreja deve manter, sob a direção de professores, há também o ensino individual. Cada crente que sabe ler deve ensinar ao vizinho que não sabe (LOPES, 1946:31)

Durante sua trajetória essa escola foi renomeada diversas vezes. No ano da sua implantação recebeu o nome de Training School. Em 1919, recebeu um novo nome desta vez Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC). Nesse período era visível o interesse dispensado pelas sociedades de senhoras.

Com o intuito de atender as exigências da lei, a Junta Administrativa da ETC² em 10 de dezembro de 1957, recorreu a União de Senhoras, onde solicitou autorização para mudar o nome da instituição de Escola de Trabalhadoras Cristãs para Seminário de Educadoras Cristãs.

No período de 1917 a 1980, atuaram como diretora desse Seminário as seguintes missionárias. Alyna Muirhead, Sammie John e Graça Taylor (1917); Graça Taylor (1917-1919); Paulina White (1919 a 1924); Blanche Bice (1925), Essie Fuller (1926 a 1932); Mildred Cox (1933 a 1947); Maye Bell Taylor (1947-1953); Martha Elizabeth Hairston (1953-1980).

A política educacional ficou essencialmente nas mãos dessas missionárias. No plano de ensino essas mulheres definiram um currículo seriado, a duração dos estudos tinha uma abrangência entre quatro a cinco anos.

Na prática, O SEC, só se transformou em uma instituição reconhecida e de boa qualidade com o correr dos anos. A direção do SEC se preocupava com a formação das suas alunas. O quadro docente possuía um número significativo de professores/missionários qualificados enviados pela Junta de Richmond que deram um impulso aos cursos de Música, de Educação Religiosa e Serviço Social.

A educação materializada no início do século XX estava relacionada ao ideal norte-americano e revelava o tipo de moça que o SEC pretendia formar. Para tanto, a escola, era o veículo principal através do qual eram passados esses valores. Analisando a história da instituição escolar percebe-se que através do tempo ela se envolveu com a “reconstrução dos processos que geraram a progressiva institucionalização da escola como espaço nuclear de transmissão dos saberes nas diferentes sociedades” [...] (LOPES & GALVÃO, 2001:53).

Ao analisar o processo de formação desta alunas foi evidenciada a preocupação com os valores e condutas, disciplina, os costumes, os atos do cotidiano, a maneira de se vestir, comer, as leituras feitas, as “boas maneiras, os códigos de civilidade” (CUNHA, 2007:97).

² Em 1941 elegeu-se a primeira Junta Administrativa da ETC, compondo-se de nove membros representando as igrejas batistas do Nordeste. A junta era composta por: Albertina Costa (1941-1947); Amazonila Munguba (1941); Áurea Rodrigues Pinto (1941-1949); Blanche Bice (1941-1943); Celina Azevedo (1941); Edeltrudes Lindoso (1941-1943; 1950-1951); Francisca Tumblin (1941-1957); Irene Jardine (1941-1944); Stela Câmara Dubois (1941-1943); (MEIN, 1966:149).

A obediência à cultura impressa (através dos prospectos e boletins informativos), ou seja, os modos que os indivíduos reagem no grupo a que pertence. Compreendo que os dispositivos usados por essas missionárias norte-americanas se tornaram uma forma de civilizar. Conforme Elias civilizar refere-se,

A uma grande variedade de fatos: ao nível de tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos [...] ou a forma como são preparados os alimentos (ELIAS, 1994:24).

No terreno das realizações, as principais medidas foram; construção do prédio, a fundação da Casa da Amizade e a cultura implantada por eles na instituição.

O Prédio

A passagem do século XIX para o século XX anunciava uma preocupação e novo estilo de construir a arquitetura escolar. Esta fase apareceu acompanhada de um traçado firme e clareza na sua funcionalidade, ou seja: o espaço deveria ser destinado apenas as questões pedagógicas.

Em 1935, a União Feminina Missionária Batista do Sul dos estados Unidos da América doou a quantia de dez mil dólares para a construção de um novo prédio, com dois pavimentos.

O espaço escola não é uma “continente” onde simplesmente se trabalham as questões pedagógicas, os pressupostos teóricos e onde atuam os personagens que interferem no processo de ensino-aprendizagem executando as ações que foram planejadas. Segundo Frago e Escolano

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. Ao mesmo tempo, o espaço educativo refletiu [...] as inovações pedagógicas, tanto em suas concepções gerais como nos aspectos mais técnicos (FRAGO, 1998:26).

O traço característico desse espaço estava delineado e compreendia algumas dependências que foram adaptadas para as aulas de músicas (com salas de aulas à prova de som), datilografia, costura e para um salão das festividades escolares e sociais. Mein dizia que "a parte posterior da referida residência foi aproveitada para dormitório dos empregados e para a lavanderia" (MEIN 1966:55).

As condições do prédio também se enquadravam nas perspectivas de mudanças. A União Feminina Missionária Batista (UFMB) do sul dos Estados Unidos estava atenta às necessidades. Consideravam as condições estruturais e higiênicas necessárias para o bom funcionamento da instituição. A ETC recebeu a quantia de 10 mil dólares para a construção de um novo prédio. Conforme Mein

A velha residência de um Barão, constituída de dois andares com um anexo que incluía lavanderia, cozinha e quartos do empregados, não comportava mais o número crescente de internas e a luta incessante contra ratos, baratas e gambás não era de poça monta (MEIN, 1966:55).

Era notória a preocupação das missionárias e do engenheiro (que desenhou a planta), DR. e. Hayes, com a higienização do ambiente. Nessa época a estrutura sanitária em Pernambuco dizia Mein “era primitiva, por isso epidemias de febre amarela, varíola, sezões, febre tifóide, catapora assolavam a cidade de tempos em tempos” (MEIN, 1966:12). A enfermeira Elizabeth Mein, nas suas aulas de Higiene e puericultura orientava as alunas de forma prática de como prevenir as epidemias. Compreendia que a educação higiênica ajudava no combate aos focos epidêmicos, mas tinha clareza de que a higiene não era a única via de solucionar o problema, mesmo assim era incansável em transmitir seus conhecimentos científicos e conscientizar as moças sobre as moléstias.

Práticas educativas

Os aspectos teóricos da investigação serviram para uma melhor compreensão dos processos formativos desenvolvidos pelas missionárias que assumiram a direção da instituição. Assim alguns dispositivos que fazem parte da cultura. Por cultura escolar entende-se

Um conjunto de normas que definem os saberes a ensinar e as condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses saberes e a incorporação desses comportamentos, saberes e práticas estão ordenados de acordo com as finalidades que podem variar segundo as épocas, as finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização. Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional, os agentes que são obrigados a obedecer a essas normas e, portanto, a pôr em obra os dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar a sua aplicação, a saber, os professores (SOUZA, 2000:3-27).

Sobre apropriação de elementos da pedagogia norte-americana batista está sendo investigado como as alunas no início do século XX incorporavam os padrões culturais e

práticas educacionais. Para Chartier “apropriação, tal como a entendemos tem por objetivo uma história social das interpretações remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 1990:15).

Ao analisar a cultura escolar materializada no SEC, o foco das investigações recai sobre as práticas escolas o currículo, avaliação escolar, rigor disciplinar e as festas escolares.

O currículo

Ao examinar o currículo na década de 1950 verificou-se que era composto das seguintes disciplinas: Higiene, Velho testamento, Português, Homilética, Psicologia da Educação, Evangelização, Piano, Canto, Serviço Social, Novo Testamento, Pedagogia, Inglês, História Eclesiástica, Educação Religiosa, Educação Missionária, Missões, Enfermagem no lar, Ética, Doutrina, Literatura e Puericultura.

Observando os componentes curriculares às questões relacionadas ao funcionamento do internato e das aulas, a convivência, as mudanças no currículo, às festas e a fundação da Casa Batista, percebeu-se que estes elementos estavam descritos nos boletins, prospectos e jornal da instituição onde revelavam aspectos de grande significado, dentro os quais podemos destacar: o rigor disciplinar, a boa conduta, e o desvelo pela vida espiritual. Em todo o currículo era visível a preocupação com esses dispositivos. Concordamos com Elias quando diz,

[...] a organização curricular não foi elaborada de forma imparcial, a transmissão dos conhecimentos estabelecidos pela estrutura do currículo organizado pela escola tinha uma carga de intencionalidade que implicava na introdução dos valores e interesses ditados pelas normas sociais vigentes. Assim cabia à escola o papel de civilizar (ELIAS 1990:10)

Avaliação Escolar

Segundo documentos encontrados nos arquivos do SEC, as notas eram distribuídas por meio de provas escritas, atividades práticas, observação e apresentação de relatórios. Essa avaliação tinha como objetivo determinar o nível de aproveitamento das disciplinas e prepará-las para um bom desempenho no trabalho que exerciam nas igrejas, que as internas atuavam. As formandas que tivessem 9,5 em qualquer matéria, no segundo semestre seria isentas da prova semestral na referida cadeira. A aprovação se dava mediante a média sete.

Rigor Disciplinar

Existia uma inter-relação entre as práticas escolares e o rigor da disciplina; uma vez que esse dispositivo era muito importante para o processo de ensino – aprendizagem das alunas, que proporcionaria a manutenção de normas, valores e comportamentos. A instituição era rigorosa quanto aos horários das aulas, do descanso após o almoço, das saídas e chegadas, bem como as horas das refeições. Esses momentos eram anunciados por uma campanha.

Não só as repreensões contribuía para as alunas manterem um bom comportamento. Existia uma estratégia para os portadores de conduta exemplares. Essas recompensas eram distribuídas para quem obtivessem interesse em exercer missões no Brasil e no exterior. Outros incentivos eram recebidos como: bolsas de estudo, broche e distintivo personalizados.

As Festas Escolares

As festas realizadas pelo SEC expressavam um discurso que solidificava o ideário das missionárias norte-americanas. Essas se tornavam vitrines, simbolizando crescimento, e um convite para outras jovens somarem-se as internas. Elas demonstravam também, o alto nível da escola, da qualidade de ensino, e das aptidões artísticas. A “Casa Formosa” como era evocada sempre despertou interesse entre os protestantes que objetivavam conhecer a vivência das discentes. Durante as comemorações das Bodas de Prata, essa ação tornou-se possível quando a diretora,

Franqueou o prédio aos visitantes, tendo as internas se empenhado em enfeitá-lo com esmero. Nos dormitórios, as colchas das camas sincronizavam com os enfeites que os donos possuíam ou tomaram emprestados para a ocasião. Foram expostas a enfermaria, a saleta de oração [...] a biblioteca [...] com suas pequenas estantes cheias de livros de que serviram as alunas no preparo das aulas; as salas de aulas, a linda sala de visita com o piano de cauda, a cozinha com seu enorme fogão à lenha, fornecendo também aquecedor de água; e os guarda-louças embutidos e o bem iluminado refeitório [...] com suas mesas repletas de guloseimas [...] (MEIN, 1966:64-66).

Ao passar dos anos essa prática se tornou permanente. Esse dia recebeu o nome de “Casa Aberta”, e acontecia em 23 de Junho, onde se comemorava o “Dia de Educação Feminina”. Nesta celebração, os batistas participavam da programação. Era levantada uma oferta para o sustento da escola. As alunas marcavam presença com suas representações teatrais e musicais. As representações, segundo Chartier, podem ser traduzidas como práticas culturais e permitem;

Articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significa simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns 'representantes' (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, classe ou da comunidade. (CHARTIER,1990:15).

Com a difusão do projeto pedagógico e religioso, a “Casa Formosa”, tornou-se conhecida e indicada como uma instituição qualificada para a educação das moças batistas.

Conclusão

O início histórico do SEC se deu no ano de 1917, com a chegada da primeira aluna, Josefa da Silva Lima. Nesta época fundou-se a Escola Normal, como um departamento do Colégio Gilreath. Portanto, o SEC é uma escola onde preparava as moças batistas para trabalharem nas escolas batistas.

No início do século XX, os índices de analfabetismo eram exorbitantes. A falta de leitura e da escrita prejudicou o andamento do trabalho batista. A educação materializada nessa instituição no início do século XX estava relacionada ao ideal norte-americano e revelava o tipo de moça que o SEC pretendia formar.

Ao analisar a cultura escolar vivenciada na escola percebeu-se que o foco das investigações recai sobre as práticas escolares o currículo, avaliação escolar, rigor disciplinar e as festas escolares.

Durante o estudo constatou-se a presença feminina missionária norte-americana batista na direção da escola. No terreno das realizações, as principais medidas foram: a construção do prédio, a fundação da Casa Batista da Amizade e a cultura implantada por eles na instituição.

Bibliografia

BERRY, Lois Roberts; BERRY Edward Grady. **IBER: uma porta para o serviço cristão**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicação, 1986.

CERVINO, Ycléa. **História do ministério social cristão: vai e faz da mesma maneira**. Recife: SEC, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRABTREE, A.R. **Baptist in Brazil**. Casa Publicadora Batsista, Rio de Janeiro: 1953.

CUNHA, Maria Teresa Santos. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar: segunda metade do século XX. In: BENCOSTA, Marcus Levy Albino (org). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador I: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990

FRAGO, Antônio Viñao e ESCOLANO, Agustín. **Currículo espaço e subjetividade: arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, Trabalho e Ação Política: Sergipanas no início do século XX**. Campinas: UNICAMP, 2003. (Tese de Doutorado).

LOPES, Eliana Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOPES, Luciano. **A grande campanha de educação**. O Jornal Batista. Ano XLVI, Rio de Janeiro, 01 de agosto de 1946. nº 1.

MATOS, Alderi Souza de. **Erasmus Braga, o protestantismo e a sociedade brasileira: perspectivas sobre a missão da igreja**. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2003.

MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967)** Recife; p.19.

PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil. 1882-2001**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

SOUZA, Rosa Fátima de. Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, Marcus Vinícius (org). **Ideário da Educação Escolar**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2000.

SELLARO, Leda Rejane Accioly. **Educação e Religião-Colégio protestantes em Pernambuco na década de 20**. Recife: UFPE, 1987.